

O Menino e o Poeta

Nilze Costa e Silva

Querer bem à poesia de um autor. Quase não se fala assim. Pois eu digo que quero muito bem à poesia do Dimas Macedo. Principalmente à poesia do seu lado menino, retratado inicialmente no seu livro *A Distância de Todas as Coisas* (1980), em que traz explícito o desejo de recuperar a criança perdida. Nos ritos emocionais, o gosto de reativar sensações passadas, religar-se, percorrer espaços e alcançar estrelas, em cujo centro se desenrola o renascimento espiritual do homem. Em parte da sua obra poética, o menino Dimas Macedo mergulha nessa sedutora viagem de ritmos, melodias e metáforas, reencantando seus caminhos, suas buscas, suas trilhas, partilhas e até mesmo as incertezas:

*Amaram-me na infância
com uma voz chegada de outras
coisas,
pois não sabiam das minhas atitudes
e eu trazia comigo uma tristeza
encarada como uma montanha
abaladora.
Minha poesia se multiplicava
num canto de urgência
e ninguém sabia
das aventuras que eu perseguia:
sonho, assim, por um vale profundo,
consumindo-me sem razão, lado
a lado...*

Sob a proteção amorosa de sua cidade natal, Lavras da Mangabeira, e as bênçãos do Rio Salgado, vagueia o menino-poeta:

*Era menino
e o Salgado era como um irmão
mais velho:
eu ouvia sua voz nas águas
e a correnteza sussurrava-me
palavras tão amáveis.
As águas eram
um veio inesgotável de poesia
e as enchentes do rio
levavam sempre uma saudade
que eu sentia - quando elas iam
embora.*

O vínculo entre o menino poeta e o poeta adulto se dá nas indagações do ponto de vista da criança. Onde está o tempo perdido? Cadê a Rua da Praia? Em "O Poeta e a

Noite" o menino chega a ficar confuso:

Estou confuso na noite,
sonho que caminho pelas ruas de
Lavras:

**é como se eu fosse uma
criança**

*que procura se distrair
com um folguedo distante
perdido na confusão da infância.*

As reminiscências de infância parecem constituir a parte crucial (porque perdida) da existência do poeta Dimas Macedo, que aceita o grande desafio de buscar entender a criança interior e os motivos pelos quais determinados pensamentos e sentimentos o acompanham:

*Inquieto-me no silêncio,
acho que outros poetas
já deviam ter cantado canções de
amor para a cidade,
pois só assim não restaria lugar
para os meus poemas.*

Não tem jeito. A Rua da Praia não existe mais. No íntimo do poeta uma criança exige reparos para tudo aquilo que o tempo engoliu, a gente, o caminho do rio e até mesmo o silêncio dos seus segredos:

*Rua da Praia,
transformada e substituída!
Outrora, sossegada
e proprietária
do caminho do rio.
Com gente que ia e vinha
e com um pouco de crepúsculo
em cada tarde.
Quieta entre velhas paredes
onde repousava
o silêncio dos meus segredos.*

O poeta não foge da sua verdade e desarquiva as imagens sombrias represadas no seu subconsciente. A emoção que ela lhe traz, é uma emoção infantil:

*Tudo passa através de mim,
oscilo por ruas estreitas
estendidas entre o Salgado
e a outra margem da cidade,
mas ninguém aparece.*

Quando fala saudosamente da sua cidade natal, a voz do menino se faz ouvir poeticamente: "... Ou ainda desfilando até o velho cemitério / cortejando um dos teus enterros célebres / cavalgando talvez / no potro

da infância / ao sabor das histórias / contadas por minha mãe / falando-me de heróis que eu não sei se existiram..."

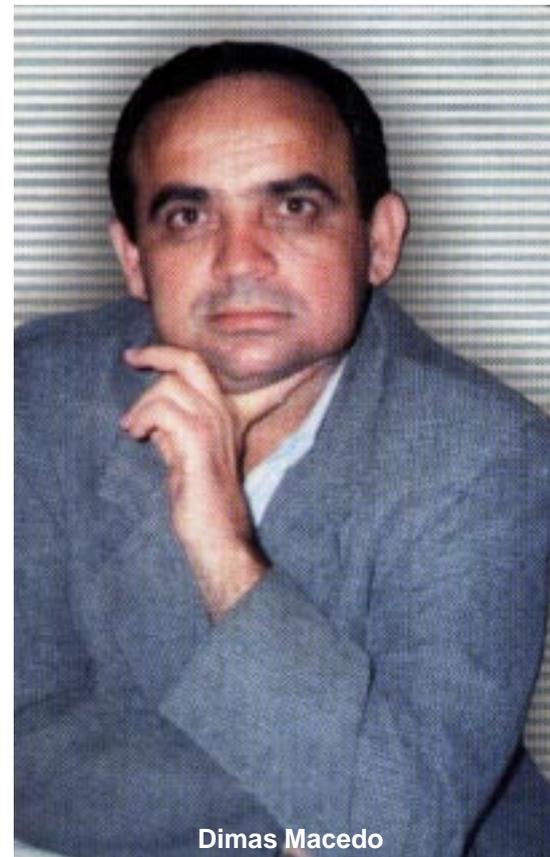
Constantemente o poeta adulto se reencontra com o menino, trazendo à tona acontecimentos e vivências dolorosas. O poeta adulto julga-se em condições de dialogar com o menino sobre a saudade que lhe dilacera a alma. E o menino vai entender? Não vai. Por isso às vezes é rebelde, noutras parece desamparado:

Como quem sente uma angústia
*eu sinto as tardes tristes,
e trágicas são as horas
onde vagueio em meu tédio.*

*Sonho-me anjo
e a solidão faz-me adormecer
- teu amor é uma ilusão perdida
nos meus braços*

Quero bem à poesia do menino interior, porque percebo (e essa percepção é totalmente subjetiva) que este é o verdadeiro eu do poeta e o que corresponde à sua verdadeira essência, ao seu estado interno natural e harmonioso, mas profundamente questionador. Dimas Macedo é febricitante na ânsia de transmutar sua vivência lírica, em que o ser-poético mergulha nas próprias emoções. O poeta confessa as razões do caráter emocional da poesia, fato que se torna o núcleo nevrálgico da mensagem do seu texto. Percebo nitidamente o menino que lembra "do pai apascentando as estrelas e solidões em tarde duradouras"; o menino que se reinventa "na tessitura do caos", e afirma: "Meu pai morreu de amor / e uma nuvem densa / lhe encobriu o corpo / e a minha mãe partiu sozinha / em uma noite fria / levada pelos ventos".

Para mim, que não sou crítica literária e nem pretendo tal mister, sendo apenas uma leitora atenta e amante da poesia, concluo que Dimas é um poeta mutante, que está sempre se reinventando, se



Dimas Macedo

metamorfoseando:

*Na tessitura do caos me
reinvento,
pois o modelo da infância é uma
faca
e a liberdade do corpo é uma rosa,
ungida de paixão e de esperança.*

*O que me dilacera é a certeza
de que os deuses maduros são o
nada,
pois a liturgia do fogo nas aldravas
é o meu desejo soprando contra
a porta.*

*A solidão do menino na parede,
a vela acesa e a mira da espada,
o rosto branco do morto em de-
salinho,
os meus cavalos alados na
mansarda.*



Nilze Costa e Silva, escritora e poeta, é pós-graduada em Teoria da Literatura pela UNIFOR e em Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes pela LACRI - USP.

Editorial

Rosani Abou Adal

No dia 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel do Brasil assinou, em Nome de Sua Majestade o Imperador - o Senhor D. Pedro II, a **Lei Áurea**, nº 3553, que declarou extinta a escravidão no Brasil, devido a pressões externas e internas. O Brasil foi o último país a abolir a escravatura.

Artigo 1º - É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil. Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário. Não existe nenhum parágrafo referente às disposições em contrário e sobre a escravidão "do negro" que está subentendida. Será que a escravidão do ser humano, independente de cor e raça, realmente foi abolida?

A escravidão existe desde a antiguidade. Os escravos, vistos como mercadorias, eram vendidos e o preço variava de acordo com o serviço prestado ao seu dono. Escravas brancas ou negras ficavam expostas nuas para serem leiloadas. A escravatura foi cruel em todas as épocas e destacamos as dos regimes fascistas e a que assola milhares de pessoas no planeta - a fome.

A escravidão ainda é praticada no mundo. No Brasil, o Ministério do Trabalho e Emprego vem autuando fazendeiros "senhores de engenho" e resgatando trabalhadores que se encontram em situação idêntica à de escravo. Em 2008 já foram resgatados 1.020 trabalhadores.

A escravidão não está presente apenas no trabalho. Infelizmente temos a mais vergonhosa de todas, que é a infantil. Existem pais que escravizam filhos, maridos que aprisionam mulheres e pessoas que são escravas dos seus vícios.

Somos escravos do poder da mídia que nos massifica e impõe conceitos e consumos. Somos escravizados pelo lixo cultural que nos é imposto, pelos produtos enlatados que tocam nas rádios, pelos livros estrangeiros descartáveis da lista dos "mais vendidos".

O homem ainda é escravo da pobreza, inveja, miséria, luxúria, ambição, covardia, da falta de amor e paz, das guerras, do ódio, egoísmo, dos poderosos etc.

Mas, ainda existe uma salvação: a inteligência, que ninguém pode escravizá-la. Apenas temos que usá-la com sabedoria.

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Bairro: _____ CEP: _____

E-mail: _____ ☐ : _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -

São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - **CCM:** 96954744 - **I.E.:** 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647
- Piracicaba - SP - 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

RÚSSIA: Os Mortos Comandam os Vivos

Rodolfo Konder

A cidade de Moscou nasceu de uma forte leza (Kremlin, em russo), construída em 1147 numa colina de onde se dominava o rio Moscou. O Kremlin propriamente dito foi erguido por Ivan, o Grande, com quase três quilômetros de extensão e dezenove torres. Já a catedral, obra de Ivan, o Terrível, marcou importante vitória militar sobre os tártaros. Assim que ficou pronta, o czar mandou cegar os dois arquitetos responsáveis pela obra, Barma e Postnik, para que jamais planejassem algo tão belo.

Atualmente, o Kremlin é o centro da capital russa, sempre muito fria no inverno e intensamente movimentada no verão, quando milhares de turistas e moscovitas examinam as vitrines da Avenida Verkaia e da Rua Arbat, passeiam pelo Parque Gorki e compram porcelanas, samovares, matriushkas, brações, espadas, uniformes militares, medalhas e objetos de prata, nas feiras, bazares e mercados da periferia.

Junto às margens de um rio canalizado, domado pelos homens, pescadores perseguem com tranquilidade inúmeras espécies de peixes, num permanente jogo de paciência. Mas a vida não é agitada apenas junto às águas escuras do rio Moscou. Atividades culturais se multiplicam e marcam o dia-a-dia da cidade, em teatros e museus, espetáculos de balé clássico e de **heavy metal**, cinemas e bibliotecas.

Nas ruas arborizadas, convivem um passado mais distante, um passado mais próximo e um presente ainda indefinido. Ao lado das cúpulas douradas do Kremlin, da catedral e de mais de duzentos templos ortodoxos, estendem-se os prédios cinzentos e monótonos da burocracia comunista, de autoritária austeridade. Aqui e ali, construções modernas, especialmente hotéis e sedes de empresas privadas.

Agora, a insegurança e a prostituição são mais visíveis, como a liberdade política. E os efeitos da **perestroika** e da **glasnot**, os resultados da mudança democrática provocada por Mikhail Gorbachov, ainda esbarram no autoritarismo trazido de um passado mais profundo, da Rússia dos czares, e de um passado mais recente, do império soviético de Lênin, Stálin, Andropov e Breznev.

Vladimir Putin já compreendeu que o socialismo, ou seja, o planejamento estatal da econo-

mia, foi um fiasco, um fracasso reumbante que estilhaçou a União Soviética e deixou a Rússia mergulhada no lódo e no atraso. Putin afastou Moscou de qualquer sistema socialista, reduziu drasticamente o papel do Estado na economia. Mas sonha com uma sociedade autoritária. Quer ter o monopólio do poder político, como ainda acontece, por exemplo, na China.

Os sonhos de Putin o levaram recentemente a prender o mais rico e poderoso empresário russo, Mikhail Khodorkovski, porque ele ameaçava o estreito controle estatal da atividade política. Tudo leva a crer que o líder russo não quer rivais, no exercício do poder, nem pretende manter uma orientação pró-ocidental.

Se o artificialismo stalinista se reduz hoje ao mausoléu de Lênin, que simboliza, na múmia do dirigente revolucionário, os tempos cinzentos da "ditadura do proletariado", o governo de Putin talvez represente o renascimento na nação mais profunda, do atavismo russo, enraizado na memória e gravado na ancestralidade. Ele expressa um sentimento generalizado, sabe que a maioria dos russos sente saudade, não da União Soviética, mas da Mãe Rússia, ou seja, em Moscou, os fantasmas de sempre caminham pelas ruas e praças, pescam nas margens do rio, freqüentam os charmosos cafés da glasnost e visitam as novas galerias. Isso quer dizer que na Rússia de hoje o passado ainda comanda o presente. Na solidão de Kremlin, Vladimir Putin dança com os mortos.



Rodolfo Konder é escritor, professor, jornalista, tradutor, diretor do MASP e diretor cultural da UNIFMU.

Profa. Sonia

Revisão - Digitação

Aulas particulares

Tel.: (11) 6096-5716

portsonia@ig.com.br

CLUBINHO

Paulo Bomfim

O "Clube dos Artistas e Amigos da Arte" nasceu no subsolo do Edifício Esther, onde surgiria posteriormente, a "Boate Oasis", modificando a fisionomia da vida noturna paulistana. O Edifício Esther é até hoje propriedade da família de Paulo Nogueira Filho. Ali moraram Almeida Salles, Di Cavalcanti quando estava casado com Noêmia, e Marcelino de Carvalho.

Annita Malfatti expõe no local que possuía apenas um pequeno bar. Deve ter sido em 45 ou 46. Freqüentei sua casa nessa época. Ela, sua irmã Georgina, Evangelina Pereira de Sousa, e suas sobrinhas organizavam inesquecíveis festas juninas. Foi quando pintou meu retrato ostentando insolente bigodinho, disfarce para menor de idade entrar em cabaré!

Da esquina da Sete de Abril com Avenida Ipiranga, o "Clubinho" é levado para a galeria de Barros, o Mulato, na Barão de Itapetininga, próximo ao prédio onde residiam Quirino da Silva e Flávio de Carvalho.

Aldo, o barman, fazia prodígios para servir whisky pagão, isto é, não batizado, e tapar o buraco dos pinduras.

Menotti e Bebê Amaral tinham, todas as tardes, encontro em torno do tabuleiro de xadrez.

Rubem Braga, quando chegava do Rio de Janeiro, ia com sua maleta para lá, onde o delegado João Leite Sobrinho e Luis Lopes Coelho o aguardavam. João, sobrinho de Aureliano Leite, era o "Velho Leite", personagem de crônicas de Rubem e de um romance de Luis.

Em 1948, Darcy Penteadado e Reynaldo Bairão organizam no Clubinho a exposição dos "Novíssimos", que consta de poemas ilustrados. Participam do acontecimento, Cyro Pimentel, Décio Pignatari, Reynaldo Bairão, Amélia Martins (na ocasião casada com Aldemir), Paulo Sérgio Milliet, Dalmo Florence, Vicente Augusto Carnicelli e Rada Abramo e os artistas plásticos, Darcy Penteadado, Otávio Araújo, Marcelo Grassmann e Aldemir Martins. Nesse ano funda-se o Clube de Poesia, cujo primeiro presidente foi Cassiano Ricardo, ocorrendo também o Congresso de Poesia.

No "Clubinho", poucas mesas para muito assunto!

Francisco Brasileiro, cachimbando, ia narrando a última expedição ao Araguaia. Rossini Camargo Guarnieri declamava seus poemas, Guilherme de Almeida e Almeida Salles falavam de cinema e Dalmo Florence narrava as peripécias de "Maneco", personagem do volume de versos que lançaria. Certa vez, Dalmo tirou a sorte grande. Não contou nada. Chegou para os amigos e pediu dinheiro emprestado, ninguém respondeu ao apelo. Aí, contou que fora contemplado com o primeiro prêmio da Federal!

Os amigos não se sentiram com autoridade moral para uma "facada". Coisas do talento e da graça desse pintor, romancista e poeta, que me disse um dia:

- Agora, sou delegado de polícia, me pegaram para Cristo na Palestina! (Cidade para onde fora designado).

Certa ocasião, numa festa em casa de Silvio de Campos, Dalmo contava com muita graça, que ao tentar entrar numa armadura existente no topo da escadaria, encontrara o lugar ocupado por mim.

Silvio de Campos, irmão de Carlos de Campos, Presidente do Estado e filho de Bernardino de Campos, era poderoso e de gênio forte. Prócer perrepista, caiu de pé na Revolução de 30. Fui amigo de seus filhos, Silvio Luciano e Suzana.

A "Folha" publicara artigo onde eram feitas críticas a sua pessoa. No dia seguinte, entra na redação enfurecido indagando quem escrevera aquelas linhas do jornal que empunhava.

Um moço franzino, levanta-se e diz: - Fui eu!

Silvio, vermelho de indignação, avança para ele indagando:

- Como é seu nome?
- Paulo Gonçalves, responde.
- Você é o poeta que minha filha tanto admira? Deixe-me abraçá-lo!

Mas, voltando a Barão de Itapetininga, abracemos agora Sérgio Milliet que devaneia ao lado dos irmãos Oscar e Arnaldo Pedroso Horta. Ulisses Guimarães, Hélio Rodrigues e Antônio Sylvio da Cu-



Menotti Del Picchia

nha Bueno discutem política. Ciro Mendes, Portinho e o Palma ainda não chegaram com sua irreverência.

Daquele ancoradouro, o Clubinho navega para a sua sede no Instituto dos Arquitetos, na Rua Bento Freitas, onde deixa a âncora mergulhar no melhor whisky.

Em 52, Flávio de Carvalho comanda a Nau Fantasma, baile que alimenta as lendas da madrugada. O "Clube dos Artistas e Amigos da Arte" transforma-se numa caravela tripulada por pintores e por poetas. Na popa encontramos Segall e Volpi, mais adiante, Rino Levy fala com Pola Rezende, através de uma escotilha, no tombadilho, Rebole discursa e Almeida Salles consulta o astrolábio. Nieta Lex, Raquel de Moacyr, e Nelli Ribeiro Leite jogam serpentinas da amurada. Viotinho grita: - Terra à vista!

Ronoel Santiago Lopes, Paulinho de Quadros, Tito Fleury e Ricardo Ferraz abordam litorais femininos, o sorriso de Hebe Carvalho, e a alegria de Kiki pousam na vela da gávea. Edith Porchat Rodrigues se dispõe a descer de um andar para o outro por um dos cordames. Falo com Décio, seu marido, sobre o perigo que ela corria, e ele responde:

- Minha mulher é audaciosa. Se quiser descer, que desça.

E não é que desceu mesmo! Nessa época, Edith, filha do Professor Reynaldo Porchat, escrevia "Informações Históricas sobre São Paulo, no Século de sua Fundação", que se tornaria um clássico no assunto.

No "Clubinho" ocorriam coisas prodigiosas. Palestras de Flávio de Carvalho, Oswald de Andrade, Osório César, Francisco Brasileiro, Annita Malfatti, Tarsila do Amaral e José Geraldo Vieira.

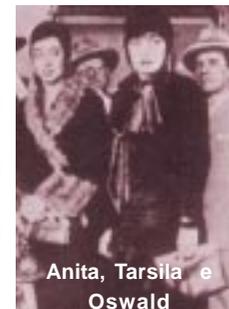
Nunca vi tanta loucura junta como num debate onde tomara parte psiquiatras e psicanalistas!

Nas madrugadas do "Clubinho" todos acabavam se confraternizando ao som da música do piano de Polera. Diálogos impossíveis aconteciam entre integralistas e comunistas, e encontrávamos na mesma mesa Roland Corbisier, Angelo Simões Arruda e Almeida Salles, conversando com Rossini Camargo Guarnieri, Mário Donato, Nabor Cayres de Brito e Afrânio Zuccolotto. Os socialistas Sérgio Buarque de Holanda, Luís Martins e Sérgio Milliet tinham longas prosas com os trotskistas Paulo Emílio Salles Gomes e Cláudio Abramo. Confraternizando-se com todos eles, os delegados, João Leite Sobrinho, Guilherme Pires de Albuquerque e Amoroso Neto.

A gravata borboleta de Quirino da Silva, pousava em todas as mesas. Nas paredes, Clóvis Graciano, Bonadei, Pennacchi, Di Cavalcanti, Baloni, Aldemir e Gobbis iam deixando seus quadros, sempre leiloados em benefício da família de algum preso político ou de alguém enfermo.

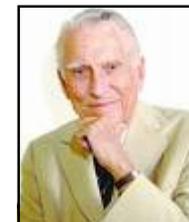
Tempos de ideologias e paixões, tempos de solidariedade e de inteligência!

A noite era sempre uma criança, mas uma criança educada.



Anita, Tarsila e Oswald

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.



S e b o

Livraria Brandão

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos) Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/ oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

A CONSTELAÇÃO SERGIPANA DE ESCRITORES

Rui Ribeiro

Conta-se que, numa demanda judicial, o brilhante Rui Barbosa enfrentou, como defensor da parte contrária, o advogado sergipano Gumerindo Bessa. Ao final do processo confessaria, passado, nunca ter imaginado que um estado de proporções geográficas tão pequena pudesse abrigar alguém com tamanhos e tão profundos conhecimentos jurídicos. Daí por diante, o substantivo próprio Bessa (mudando-se os dois ss para ç) passou a ser substantivo comum e sinônimo de grandiosidade, muito empregado, principalmente pelo carioca, na expressão “à beça.” O poeta da vila, Noel Rosa, a utilizou no samba “Conversa de botequim”, no qual um cliente pede ao garçom “...um pão bem quente com manteiga à beça...”

Mas além do grande jurista, Sergipe deu ao país um número de literatos inversamente proporcional à extensão de seu território. O ano de 2007 registrou a baixa de dois de seus mais representativos expoentes. Ambos falecidos em idade avançada, Paulo Dantas e Joel Silveira deixaram obras de elevado padrão, bem aceitas pelo público e merecedoras de elogios da crítica.

Não fugindo às tendências de outros escritores nordestinos, Paulo Dantas nos legou romances de nítido cunho regionalista, como “Chão de infância” (1952), “Purgatório” (1955), “Capitão jagunço” (1959) e “Livro de Daniel” (1961). Produziu também ficção enfocada no centroeste e sudeste, na qual se enquadram “Viaduto” (1968), “Lobo do planalto” (1983), “De repente o mar” (1991) e o premiado “Cidade enferma” (1950), onde avultam dramas particulares de personagens correndo “paralelo ao drama coletivo de uma estação de clima”. (Campos de Jordão).

O aracajuano Joel Silveira foi predominantemente jornalista que “...não tem como repórter quem lhe leve vantagem”, segundo opinião de Manuel Bandeira. Em longa militância nessa área, passou pela redação de importantes jornais e revistas como “Manchete” e “O Cruzeiro”. Correspondente da Segunda Guerra Mundial, reuniu depois em livro sob o título de “À luta dos pracinhas” (1983), em colaboração com Thassilo Mitke, relatos sobre a participação brasileira nos campos de batalha italianos. Outras coletâneas de reportagens, como “Meninos eu vi” (1965) e “Tempo de contar” (1985), revelam textos ricos de detalhes em relação à notícia e forma trabalhada com o mesmo esmero de uma criação ficcional. Na literatura, estreou em 1936 com a novela “Desespero”. Notabilizou-se como contista a partir de “Onda raivosa” (1939), onde Mário de



Joel Silveira

Andrade divisoou “...o senso poético das coisas...e um tom de humorismo carinhoso, sem sombra de perversidade”. Destacam-se em suas histórias curtas a originalidade do tema em que a fina ironia encobre o lirismo e a emoção. O livro “O dia em que o leão morreu” (1986), que junta antigas e novas produções inclui “O homem na torre” que “...se inscreve entre os melhores contos da nossa literatura”, segundo Fernando Sabino.

A novela “O desaparecimento da aurora” (1954 ou 1958?) seria republicada em 1985, acrescida de uma segunda parte, intitulada “Dias de luto”, que também dá nome ao volume. Embora ambas possam ser consideradas independentes entre si, tal a arquitetura empregada, formam um conjunto que mostra a vida do personagem central – um menino doentio e medroso – da infância à juventude, até o momento que tem que decidir seus destinos. Ambientada em Lagarto e Aracaju da década de trinta, a história comovente encerra sentido universal. As referências locais à paisagem servem apenas como reminiscências da meninice e mocidade de Joel Silveira, evocando marcos como a “caixa d’água”, o “morro do urubu”, “o farol da Atalaia”, ou “...a colina de Santo Antonio, do alto da qual a igreja branca e azul vigia a cidade”.

A partir de meados do século XIX, outros intelectuais provindos das terras sergipanas viriam a se transformar em estrelas de primeira grandeza no universo das letras.

O lastro cultural de Tobias Barreto (1839-1889) contrasta com a precariedade do meio em que foi criado e da penúria que o acompanhou por toda a vida. Filho de um humilde escrivão de cartório da então vila de Campos do Rio Real, constitui exemplo da persistência e dedicação dos homens feitos pelo seu próprio esforço. Orador, crítico, professor, jurista, deixou extensa bagagem de estudos jurídicos e de ensaios filosóficos. Como poeta, reuniu no livro “Dias e noites” (1881) versos escritos quando estudante de direito em Recife, onde conviveu e se rivalizou com Castro Alves.

Os mestres Silvio Romero (1851-1914) e João Ribeiro (1860-1934) são fontes indispensáveis para estudiosos e dispensam maiores considerações, tal o volume e qualidade de suas produções intelectuais, sobremaneira no campo da crítica e da história literária.

Pouco conhecido nos dias de hoje, Bitencourt Sampaio (1834-1895) foi figura popular nos meios estudantis e políticos de sua época. Há no seu livro de poesias “Flores silvestres” (1860) o lirismo próprio da geração romântica a que pertenceu, aliada a uma inspiração genuinamente mestiça nos quadros simples da vida campestre, descritos em

versos refinados e melodiosos. Bastaria entretanto para consagrá-lo a letra que compôs, em 1859, para a antológica “modinha” “Quem sabe?”, de Carlos Gomes (Tão longe, de mim distante, onde irá teu pensamento?...). Na mesma ocasião, escreveria – igualmente musicados pelo autor de “O guarani- os versos para o hino “À mocidade acadêmica”, dedicado aos alunos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde concluiu o curso jurídico. Ambas as composições, portanto, nasceram em solo paulista, numa república de estudantes existente na então Rua Nova de São José, atual Líbero Badaró.

A atividade intelectual de Jackson Figueiredo (1891-1928) dividiu-se em duas partes distintas. A primeira foi dedicada à literatura e à filosofia, quando publicou os livros de poesias “Bater de asas” (1908) e “Zingaros” (1910), além de ensaios e críticas. Convertido ao catolicismo, empenhou-se na fase final de sua vida curta em campanhas a favor da recristianização e à política. Teve em Tristão de Ataíde o continuador de sua obra inspirada na fé cristã.

A pequena estatura física de Hermes Fontes (1888-1930) distoia do porte de sua poesia, que atingiu altitudes siderais. Menino-prodígio, descendente de família paupérrima, foi amparado pelo governador de Sergipe, que o levou a estudar no Rio de Janeiro, onde dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Dotado de capacidade laborativa invulgar, além de rico vocabulário e domínio perfeito da técnica do verso, foi essencialmente poeta, de vez que, dos doze livros que publicou, apenas um é de prosa. As características de sua poesia mesclam elementos da escola parnasiana com os da simbolista e são reflexo de uma vida angustiada que o levou ao suicídio numa noite de Natal. A última coletânea poética que divulgou – “Fonte da mata” (1930) – evoca suave recordação da infância do autor e homenagem ao manancial que abastecia a vila de Boquim, onde nasceu.

Dotado de estilo fluente e invejável erudição, Gilberto Amado (1887-1959) exercitou quase todos os gêneros literários, do romance ao ensaio, da poesia à crítica. Seus artigos de imprensa, reunidos depois em livros, oferecem um retrato social e econômico do país da época. Seria porém como memorialista que alcançaria o ponto culminante de sua trajetória intelectual, pelo teor artístico imprimido aos cinco alentados volumes de suas memórias, que vão desde reminiscências da infância até a militância política e diplomática.



Gilberto Amado

Desde que se fez jornalista, em meados dos anos 20, e por toda a vida, Genolino Amado (1902-1989) cultivou a crônica como o produto principal de suas criações literárias. Embora tenha também se dedicado ao ensaio e ao teatro, foi eminentemente cronista, inclusive radiofônico. Durante anos o locutor César Ladeira leu ao microfone da Rádio Mayrink Veiga as “Crônicas da cidade”, cuja divulgação diária muito contribuiu para que o nome do escritor sergipano ficasse conhecido por milhares de ouvintes. Assuntos do dia-a-dia da então Capital Federal, muitos deles corriqueiros, eram trabalhados pelo cronista com o mesmo esmero com que os artesãos transformam materiais simples em peças de atraente beleza. Uma coletânea de suas crônicas de jornal foram reunidas nos livros “Os inocentes do Leblon” (1946) e “O pássaro ferido” (1948). Das transmitidas pelo rádio não há notícia de que tenha ficado algum registro. Muito provável que, efêmeras, se diluíram no próprio ar que as conduziu. Apenas um improvável resgate poderia revelar a técnica empregada pelo cronista para se dirigir ao público ouvinte, em princípio diferente do público leitor.

O político e jurista Alberto Deodato (1896-1978) conseguiu conciliar a aridez da disciplina Ciência das Finanças, que lecionou na Faculdade de Direito de Minas Gerais, com a suavidade peculiar em seus textos de ficção. Estudante no Rio de Janeiro e depois radicado em Belo Horizonte, não esqueceria suas origens. No livro de contos “Canaviais” (1922), premiado pela Academia Brasileira de Letras, os cenários, os personagens e o linguajar são tipicamente nordestinos. A catanga de xique-xique e unhas-de-gato testemunha os feitos de tabareus, vaqueiros e valentões, dramas passionais, vaquejadas, festas de reisado e danças enfeitadas pela graça ingênua de caboclas de “olhos de jabuticaba e lábios de pitanga”.

Muitas outras estrelas integram a imensa constelação sergipana de escritores, difícil de ser mapeada por inteiro. Dois nomes mais devem ser lembrados: O do romancista Francisco C. Dantas, que desde a estréia em 1990, revelou estilo personalíssimo em tramas originais e do laureado Aluysio Sampaio que, além de produzir obras de alto nível artístico, edita, às próprias expensas a *Revista Literatura Brasileira*, divulgadora de textos de outros autores.

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e membro da União Brasileira de Escritores.



Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e membro da União Brasileira de Escritores.



Genolino Amado

O Planeta é dos Jovens

Raymundo Farias de Oliveira

Li, ontem, no jornal **Linguagem Viva**, editado por Rosani Abou Adal, minha amiga e poeta, a notícia do falecimento de Joaquim de Montezuma de Carvalho, lá em Lisboa, no velho bairro de Alfazema, onde vivia a escrever monumentais ensaios, compulsivamente. Advogava, lia e escrevia... Assim ele viveu. Respirava cultura, erudição, sabedoria e inteligência – tudo sem arrogância ou pedantismo.

Fiquei triste com a notícia. Nossa amizade nasceu em 1983, quando, por sugestão de um amigo comum, Guido Fidelis, enviei-lhe meu livro *Poemas da Madrugada*. A partir daí, nasceu nossa intensa amizade epistolar e o intercâmbio de nossos textos e sonhos. Remeti-lhe todos os livros que publiquei. Ele enviava-me seus ensaios torrenciais; muitos deles publicados no jornal diário **Primeiro de Janeiro**, da cidade do Porto, e na revista **Repertório Latino-americano** (Buenos Aires).

Um belo dia, surpreendeu-me com a cópia xerográfica de minha crônica *Noite Triste*, onde falei de Gardel e Lepera, vertida para o espanhol e publicada em Buenos Aires, na revista **Repertório Latino-americano**, editada pelo poeta e embaixador argentino aposentado, Francisco R. Bello. Pronto. Estava aberta a porta da revista aos meus textos, que lá foram traduzidos e publicados, enquanto viveu o poeta Francisco R. Bello e sua monumental revista tribuna de poetas, cronistas e ensaístas de todos os países da América Latina.

De outra feita, pediu-me uma crônica sobre o centenário do livro **Só**, do poeta romântico português Antonio Nobre. Com o beneplácito do prof. Antonio Queirós, que cuidava da edição especial da revista **Cadernos do Tâmega** alusiva ao acontecimento, tive a honra e a emoção de contemplar “O centenário de um livro triste”, de minha autoria, estampada entre muitos outros trabalhos de autores portugueses e brasileiros (poesias e ensaios) na bela revista lusitana. Em outra oportunidade, pe-

diu-me que enviasse um poema à Dra. Nassalette Miranda, coordenadora do *Caderno Literário* do jornal **O Primeiro de Janeiro** (Porto). Enviei e foi publicado. Por minha conta, enviei outro, também publicado com belíssima ilustração.

Assim era e assim foi Joaquim de Montezuma de Carvalho para mim. Um mestre amigo e um incentivador generoso. Quando passei por Lisboa, em 1987, não tive condições emocionais de encontrá-lo. Voltamos de Fátima (minha mulher Anna Maria e eu) muito abalados. A saudade de nosso filho Paulo, falecido tragicamente, inundou nossos corações lá em Fátima, Nazaré, Óbidos e chegamos “machucados” ao Penta Hotel, em Lisboa. Liguei para Montezuma e expliquei tais circunstâncias, e que, na manhã seguinte, seguiríamos para Madrid.

No ano passado recebi mais uma surpresa de Montezuma. Na obra **Do Tempo e dos Homens** – Vol. I 0 Da história literária à história da cultura (de sua autoria), sob o selo do Instituto Piaget, 501 páginas, honrou-me com um ensaio (capítulo 14, págs. 95 a 100) onde transcreve e faz apreciações críticas sobre algumas de minhas crônicas constantes do livro *Sob o Céu de Jerusalém*. Na carta que me escreveu em 23/07/07, quase numa espécie de murmúrio de despedida, balbuciou: “... fui operado à vesícula. Agora ando a tratar os intestinos, com problemas de obstipação doentia. É assim a idade. O planeta é dos jovens...”

Meu amigo literário partiu em 6 de março passado e deixamos a todos os seus leitores espalhados pelo mundo da língua portuguesa e espanhola um vazio incomensurável, profundo e dolorido. Ele nunca ausentou-se de sua juventude e não se rendeu jamais à solidão da velhice ociosa. Resta-nos agora a leitura de sua obra majestosa, num comovente silêncio de saudade.

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e Procurador do Estado aposentado.



QUER PUBLICAR UM LIVRO?

O Instituto Maturidade trabalha com edição de livros, prestando serviços de digitação, transcrição de gravações, revisão de originais, revisão gráfica, copy-desk, diagramação, editoração, ilustrações e impressão.

Informações: Falar com Eliane. Fone: **(11) 32298295 - 87699091**
E-mail: **maturida@bol.com.br**

Microcontos

Caio Porfírio Carneiro

Acusação

Eu aqui sentado e as cadeiras, em volta da mesa, olhando para mim. Parece que olham. Pior: acusam-me. De quê? Não sei. Mas sinto que me acusam. Sensação estranha.

Julgo-me acuado. Sem apelo. Sem socorro.

Olho além delas. Ninguém.

E elas não me perdoam, no seu silêncio de cadeiras, de encostos altos, como togas.

Devoção

Entrou pisando de leve, apanhou uma vela, acendeu-a, pôs no bolso o fósforo apagado. Caminhou solitário entre as filas de cadeiras e, próximo ao altar, ajoelhou-se, persignou-se, levantou-se e ficou de braços estendidos ao longo do corpo, os dedos cruzados no baixo-ventre, cabeça baixa, olhos fechados.

O vento, lá fora, apagou a vela que ele acendera. Não deu por isto. Sozinho na nave deserta e silenciosa.

Indiferente a tudo. Sentindo-se bem acompanhado.

Ele e o rio

Sentado na varanda, via o rio lá longe, deslizando suavemente. Não gostava de pescar, de banhar-se nele, de nele passear de barco.

Gostava mesmo de vê-lo, sentado na varanda, qualquer hora do dia ou nas noites de luar, quando as águas do rio brilhavam suavemente.

A Mosca

E se esta mosca aqui na mesa voasse para o Além? E se ela pousasse no infinito, apenas pousasse, o que seria do Universo?

Ela, porém, permanece aqui na mesa, numa resposta muda às perguntas e numa afirmação definitiva de que, apenas aqui, apenas mosca, é mais universal do que todas as interrogações.

Do livro *Respingos de uma viagem*, de Caio Porfírio Carneiro, lançado recentemente com apoio cultural dos Amigos do Livro.



Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

Especializada em importação direta de livros portugueses.



Livros de todas as áreas de editoras portuguesas, Cds, artesanato e galeria de arte.

Desconto de 10% para advogados, juristas, professores e estudantes.

Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais.

Prazo de entrega: 15 dias.

Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP
E-mail: **livrariacoimbra.pt@ig.com.br**
Tel.: **(11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105**

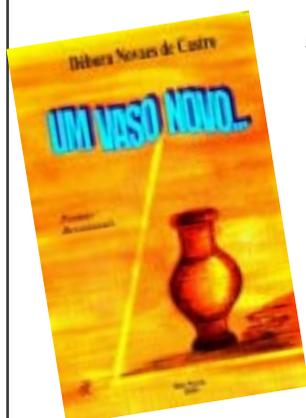
Concursos

Concurso de Haicais – Prêmio Masuda Goga, promovido pela Livraria Saraiva e Grêmio Haicai Ipê, em comemoração ao centenário da imigração japonesa ao Brasil, está com inscrições abertas até o dia 6 de junho para as categorias Infanto-juvenil (participantes de até 15 anos de idade) e Adulto (maiores de 16 anos). Os interessados, residentes no Estado de São Paulo, poderão concorrer com apenas um haikai inédito, escrito em língua portuguesa. Os Temas são Flor de cerejeira, caqui ou crisântemo (elementos ligados à cultura japonesa), Festa das Estrelas (ou Tanabata Matsuri - festival introduzido pelos japoneses, comemorado anualmente no mês de julho na Praça da Liberdade), Festa das Flores (ritual budista em comemoração ao nascimento de Buda. Celebrado anualmente no dia 08 de abril, no bairro da Liberdade) ou Semente ou semear (atividade agrícola a que se dedicaram os primeiros imigrantes japoneses). Informações e regulamento completo através dos sites www.saraiva.com.br/nossos70 e no www.kakinet.com/saraiva.

Prêmio Leya, promovido pelo Grupo Editorial Português Leya, está com inscrições abertas até o dia 15 de junho para o melhor romance inédito escrito em português. **Premiação:** O vencedor receberá um prêmio de R\$ 100.000. O júri também poderá atribuir um ou mais “Prêmios Leya Finalistas” no valor de R\$ 25 mil para cada obra. É destinado a autores brasileiros, africanos e portugueses. Os romances agraciados com a premiação serão publicados por uma das editoras do grupo e serão distribuídos simultaneamente em todos os países que adotam oficialmente a língua portuguesa. O vencedor do prêmio será anunciado na Feira do Livro de Frankfurt, em outubro deste ano. O regulamento do **Prêmio Leya** pode ser acessado através do site www.leya.com.

II CONCURSO BENJAMIM SILVA DE SONETOS, promovido pela Academia Cachoeirense de Letras, está com inscrições abertas até o dia 14 de junho. O tema é livre e os concorrentes poderão inscrever até dois trabalhos inéditos, digitados ou datilografados em três vias, espaço dois, sob uso de pseudônimo. Anexar dados completos em envelope menor lacrado. Premiação: 1º lugar – R\$ 800,00 (oitocentos reais); 2º lugar – R\$ 600,00 (seiscentos reais); 3º lugar – R\$ 400,00 (quatrocentos reais). Informações: Academia Cachoeirense de Letras – II CONCURSO BENJAMIM SILVA DE SONETOS - Rua Cel. Francisco Braga, 71 – Sala 1101 – Ed. Itapuã – Centro - CEP 29300-220 - Cachoeiro de Itapemirim (ES).

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS – ALJÔFARES – SEMENTES – CHÃO DE PITANGAS –

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -

E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

Os Vencedores do Prêmio FCW de Ciência e Cultura

A Fundação Conrado Wessel anunciou os vencedores das quatro categorias do *Prêmio FCW de Ciência e Cultura*, que receberão um total de R\$ 800 mil. Os laureados foram Ivo Pitanguy (Medicina), Ivan Izquierdo (Ciência Geral), Hisako Gondo Higashi (Ciência Aplicada) e Affonso Ávila (Literatura).

O *Prêmio FCW de Ciência e Cultura* é promovido, anualmente desde o ano de 2003, pela Fundação Conrado Wessel, que distribui mais de R\$ 1.200.000,00 em prêmios. R\$ 800 mil são distribuídos para as quatro categorias e o restante é destinado a quatro bolsas no Exterior (Música e Ciência) e para uma entidade que é selecionada para ser beneficiada financeiramente.

A Fundação Conrado Wessel, instituição sem fins comerciais e de marketing, foi criada em 1994, após o falecimento do fotógrafo Ubaldo Augusto Conrado Wessel, que em seu testamento informou o desejo de criar uma fundação voltada para a filantropia, o fomento e apoio às atividades culturais, artísticas e científicas no Brasil. Em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a FWC outorga anualmente o *Prêmio Almirante Álvaro Alberto*.

A Fundação também contribui com o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, Exército da Salvação, Aldeias Infantis SOS Brasil, Fundação Antonio Prudente (Hospital do Câncer) e a Associação Escolar Benjamim Constant, que foram as entidades indicadas pelo seu instituidor.

O *Prêmio FCW de Ciência e Cultura* já agraciou, na categoria literatura, os escritores Ruth Rocha, Fábio Lucas, Lya Luft e o poeta Ferreira Gullar.

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

Preencha corretamente (eu, mim).

a- Isto é para _____ ler?

b- Entre _____ e você não há mais nada.

c- Sem _____, você não é nada.

d- Este suco é para _____ beber.

Respostas:

a- eu; b- mim; c- mim;

d- eu.

Usa-se **eu** antes de verbo no infinitivo. Neste caso o pronome pessoal é sujeito da oração.

Depois das preposições: sem e entre, usa-se **mim** e não **eu**.

1) Escolha: **o, a** e complete:

a) _sentinela

tomou__champanhe.

b) Ele quebrou__omoplata.

c) Tomei__guaraná e

comi__alface.

d) Passei__cal na parede.

Respostas:

a) a – o

b) a

c) o – a

d) a

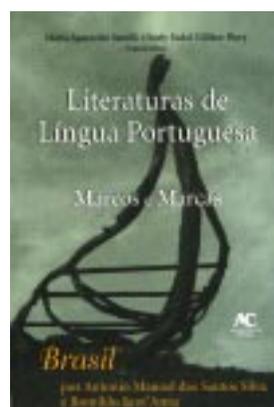
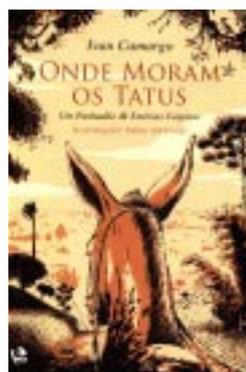
Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. E-mail: portsonia@ig.com.br

Livros e Lançamentos



Retalhos – contos e microcontos, antologia de contos, organizada por Edson Rossatto, Andross Editora, São Paulo, SP, 160 páginas. A obra reúne trabalhos inéditos de 35 novos autores de vários estados brasileiros e do Japão. Foram analisados cerca de 150 contos e escolhidos 16 microcontos e 24 contos. A 13ª antologia publicada pela editora reúne tramas bem costuradas que formam uma peça única. **Andross Editora:** Rua Jorge Augusto, 656 – Cj. 19 – São Paulo – SP – 03645-000. Tel.: (11) 2943-7687. Site: www.andross.com.br

Onde Moram os Tatus, romance de Ivan Camargo, Edição do Autor, Tatuí, SP, 240 páginas. A obra foi agraciada com o *II Prêmio UBE/Scortecchi*, pelo *Prêmio Josué Montello* (UBE/RJ) e pelo PAC – Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. O romance é ambientado na metade do século 19 e reúne histórias inspiradas na estrutura dos causos caipiras. O autor é jornalista e pós-graduado em Comunicação Social. **Ivan Camargo:** Praça Adelaide Guedes, 151 – Tatuí – SP – 18270-020. Tels.: (15) 3251-4012 e 2351-3040.



Literaturas de Língua Portuguesa, coleção em cinco volumes, organizada por Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Flory, Arte & Ciência Editora, São Paulo, SP. A obra, selecionada em concurso patrocinado pela Secretaria de Estado da Cultura através do Projeto de Apoio à Cultura – PAC, reúne estudos sobre as literaturas e cultura dos países de Língua Portuguesa. O volume de Angola foi elaborado por Tania Macedo e Rita Chaves (USP), o do Brasil por Antonio Manoel dos Santos Silva e Romildo Sant’Anna (UNIMAR), o de Cabo Verde por Maria Aparecida Santilli (USP), o de Moçambique por Tania Macêdo (USP) e Vera Maquêa (UNEMAT) e o de Portugal por Benjamin Abdala Junior (USP). **Editora Arte & Ciência:** Rua dos Franceses, 91 – São Paulo – SP – 01329-010. Tel.: (11) 3284-8860. Site: www.arteciencia.com.br

Conceito de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 112 páginas. A obra reúne ensaios que são frutos da sua consagrada tese de livre-docência em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os textos foram conservados e foram realizados apenas retoques de estilo. Afrânio Coutinho, escritor, jornalista, historiador, professor catedrático da Faculdade de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, médico, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu em 2000. É autor da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, entre outras importantes obras. **Editora Vozes:** www.vozes.com.br. Tel.: (24) 2233-9000.



OS PORTÕES DE SARAMAGO

Gláucia Lemos

Todo mundo já sabe que sou Saramagólatra incurável. Quanto mais o conheço, mais o quero conhecer.. É minha bebida, meu cigarro, meu time de futebol, já que não bebo, não fumo e não me interesso por bola, concentro na palavra de Saramago aquela fixação dos que a têm naqueles vícios.

Estou lendo agora *A bagagem do viajante*, crônicas. Cia das Letras. Tão encantador cronista quanto o admirável romancista de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, e de *Memorial do convento*. Uma página após outra, deliciosamente. Como sempre tendemos a ressaltar alguns textos, poderiam ser alguns outros, mas elejo *Os portões que dão para onde?* Uma crônica, um momento emotivo que quero dividir com outras pessoas, porque não é justo guardar tamanho modelo da melhor literatura, no egoísmo de um só espírito. Depois de ler Saramago, fica um sentimento indefinível. Quem sabe... Só Beleza.

Não vou transcrever todo o texto, há que se limitar espaço, mas detenho-me nos três últimos parágrafos, respeitando a grafia original que em alguns detalhes é diferente da nossa ortografia, enquanto convivo os que me lêem a este instante de reverência.

“É o caso dos portões. Em viagem, quando atravessamos os campos de automóvel, não é raro vermos afastarem-se uns portões enigmáticos em terras meio abandonadas ou já de todo baldias. Ali o caminho esconde-se entre a erva, os arbustos loucos e os detritos vegetais que o vento arrasta. Não sabemos sequer se os batentes abrem para cá ou para lá, e muitas vezes os portões não se continuam em muros ou arames, e tudo isso tem um ar misterioso

de terra assombrada. Mas pior ainda é se os portões desapareceram e deles ficaram apenas os dois pilares gémeos, virados um para o outro, como quem pergunta se já não há mais nada a esperar.

“ Não me acuse o leitor de obscurantista. Tenho uma confiança danada no futuro e é para ele que as minhas mãos se estendem. Mas o passado está cheio de vozes que não se calam e ao lado da minha sombra há uma multidão infinita de quantos a justificam. Por isso os portões velhos me inquietam, por isso os pilares abandonados me intimidam. Quando vou atravessar o espaço que eles guardam, não sei que força rápida me retêm. Penso naquelas pessoas que vivas ali passaram e é como se a atmosfera rangesse com a respiração delas, como se o arrastar dos suspiros e das fadigas fosse morrer sobre a soleira apagada. Penso nisso tudo e um grande sentimento de humildade sobe dentro de mim. E, nem sei bem porquê, uma responsabilidade que me esmaga.

“ Se o leitor não acredita, faça a experiência. Tem aí pilares carcomidos, de gonzos roídos de ferrugem, cobertos de líquens. Agora passe entre eles. Não sentiu que os seus ombros roçaram outros ombros? Não reparou que uns dedos invisíveis lhe apertaram os seus? Não viu esse longo mar de rostos que enche a terra de humanidade? E o silêncio? E o silêncio para onde os portões se abrem?”

E depois de tanta emoção, fica no coração o silêncio respeitoso pelo autor.

Gláucia Lemos é escritora, crítica literária, professora, advogada e pós-graduada em Crítica da Arte pela UFBA.



Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 - São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589

Moda *Belíssima*
Com qualidade e elegância

**Roupa
Européia**

Av. São Luís, 218 – 01046-000 – São Paulo – SP
Tels: (11) 3120-5820 - 3258-9105

Notícias



Luiz Henrique da Silveira

Luiz Henrique da Silveira, governador de Santa Catarina, tomou posse na Academia de Letras Blumenauense, que é presidida por Nelson Valente, para ocupar a cadeira em homenagem ao jornalista Crispim Mira. A solenidade, que aconteceu em abril na Fundação Cultural de Blumenau, empossou os acadêmicos Alfredo Scottini, Djalma Patrício, Dorothy de Brito Steil, Paulo Roberto Bornhofen, Rodrigo Rogério Ramos e Suzana Sedrez. Assumiram como membros correspondentes Rosani Abou Adal, Cláudio Salvador Lembo, Geraldo Alckmin, Heródoto Barbeiro, José Paulo de Andrade, Salomão Esper, José Nello Marques, Arnaldo Niskier, Henrique Chagas e José Renato Nalini.

José Marques de Melo, professor e pesquisador, lançou *Mídia e Cultura Popular*, pela Editora Paulus. A obra reúne textos escritos pelo autor nos últimos 40 anos sobre o tema, como contribuição e esclarecimento do que é verdadeiramente a folkcomunicação.

25ª Edição da Feira do Livro do Colégio Miguel de Cervantes, que aconteceu nos dias 16 e 17 de maio, realizada pelo Colégio Miguel de Cervantes, prestou homenagem a Machado de Assis. Importantes nomes da literatura nacional e ibero-americana estiveram presentes no evento como os argentinos Pablo Bernasconi e Andrea Ferrari, o espanhol Isidro Ferrer e os brasileiros Milton Hatoum, Daniel Piza, Ana Miranda, Ilan Bremann, entre outros.

Lendas do Japão, livro adaptado por Sylvia Manzano, foi lançado pela Edições Paulinas. A obra, que faz parte da *Coleção Mito e Magia*, reúne oito das mais significativas e expressivas lendas, cujas histórias pertencem à antiga tradição oral do Japão.

Memória literária de Josué Montello, exposição dedicada à vida e à obra do escritor maranhense e em comemoração à sua posse na Academia Brasileira de Letras, acontece até o dia 30 de maio, das 10 às 18 horas, no Centro Cultural da ABL, Av. Presidente Wilson, 203, Castelo, Rio de Janeiro. Informações pelo telefone (21) 524-8230.

O Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, está com inscrições prorrogadas até o dia 30 de maio para obras de autores brasileiros, publicadas no país entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2007. A entrega dos prêmios ocorrerá no dia 31 de outubro, durante a 20ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que acontecerá de 14 a 24 de agosto, no Pavilhão de Exposições do Parque Anhembi. Na ocasião, uma exposição retrospectiva será realizada em comemoração ao cinquentenário do *Prêmio Jabuti*. Inscrições através do site www.premiojabuti.org.br.

O Sindicato Nacional dos Editores de Livros elegeu nova diretoria, no dia 16 de maio, composta por Sônia Machado Jardim (presidente), Roberto Feith e Mauro Koogan Lorch (vice-presidentes), Francisco Bilac Pinto (secretário) e Eduardo Salomão (tesoureiro); Suplência: Mariana Zahar Ribeiro, Amarylis Manole, Martha Ribas e Bia Hetzel; Conselho Fiscal: Andrés Cardo, Paulo Lima e Jorge Carneiro; Suplentes do Conselho: Luiz Alves Junior, Suzana Sanson e Antônio Bellinello. Marcos Pereira responderá pelo Conselho Editorial, Cláudio Rothüller pelo Conselho de Atividades Correlatas e Sérgio Windholz pelo Centro de Estudos e Pesquisas.

A XXI Reunião Anual da ABEU - Associação Brasileira das Editoras Universitárias -, que aconteceu no dia 16 de maio, em Recife, reuniu representantes do mercado para um debate sobre a distribuição de livros no Brasil, a ausência de políticas públicas para o setor, a lei do livro, entre outros temas.

Luzes da Consagração, biografia do professor e acadêmico Arnaldo Niskier, de José Louzeiro, foi lançada no dia 8 de maio, na Academia Brasileira de Letras.

Os Classificados no Mapa Cultural Paulista, concurso promovido pela Secretaria Estadual de Cultura, foram Regina Lúcia Alonso Perez, José Geraldo Neres dos Santos e Whisner Fraga (contos); Mônica Cândido Oliveira e Lara Pezzolo Fidelis (crônicas); Marcelo José Lopes, Sônia Maria Carriel Brandão, Nestor Isejima Lampros, Cláudio Guilherme Alves, Elizabeth Brait Alvim, Eduardo Rocha Duran, Francis Murakami, Walter Roberto Merlotto, José Antonio Muassab Franca e Érika Siqueira Santos (Poemas).

Artur da Távola, jornalista, escritor, cronista, crítico e ex-senador, faleceu aos 72 anos, no dia 10 de maio, em sua casa no Leblon, zona sul do Rio de Janeiro, vítima de problemas cardíacos. O autor de *A Mulher é Amar* foi um dos fundadores do PSDB, crítico sobre TV e colaborador dos jornais *O Globo* e *O Dia*.

Pesquisa em educação – Possibilidades investigativas e formativas da pesquisa-ação, livro, em dois volumes, organizados por Selma Garrido Pimenta e Maria Amélia Santoro Franco, foi lançado pelas Edições Loyola.

Assis Ângelo, jornalista e escritor, lançou o *Dicionário Gonzagueano, de A a Z* e realizou um debate sobre a vida e a obra do Rei do Baião, Luiz Gonzaga.

Cor, traços e linhas: confluências entre literatura e pintura, curso ministrado por Betina Bischof, acontecerá nos dias 2, 9, 16 e 23 de junho, segundas-feiras, das 16 às 18 horas, no Centro Universitário Maria Antonia – 3º andar – sala de cursos. Informações e inscrições pelo telefone (11) 3255-7182, ramais 32 e 33. E-mail cursosma@usp.br

CALIXTO – Sarau na Benedito – Dia do Patrono, em homenagem ao pintor e historiador Benedito Calixto, acontecerá no dia 30 de maio, sexta-feira, das 17 às 21 horas, no Espaço Cultural Alberico Rodrigues, Praça Benedito Calixto, 159, em Pinheiros. O sarau, organizado por Flávio Viegas Amoreira, contará a participação de Cláudio Willer, Lucius de Mello, Marcelo Ariel, Felipe Stefani, Gaby Kirsch, Ronaldo Cagiano, Carlos Pessoa Rosa e autores convidados do projeto Dulcinéia Catadora. Informações pelos telefones (11) 3064-3920 e 3064-9737.

Jorge Caldeira tomou posse na Academia Paulista de Letras, no dia 8 de maio, para a cadeira nº 18, que foi ocupada pelo jurista e ex-presidente da entidade Rubens Teixeira Scavone.

O Prêmio Vivaleitura 2008, que faz parte do Plano Nacional do Livro e Leitura com o objetivo de estimular, fomentar e reconhecer as melhores experiências relacionadas à leitura, está com inscrições abertas até o dia 8 de julho. O vencedor de cada categoria receberá um prêmio de R\$ 30 mil. Informações pelo telefone 0800-7700987.

A Borboleta Azul, obra de Cristovam Buarque, com ilustrações de Rosinha Campos, foi lançada pela Galerinha Record.

MICHAELIS Dicionário de Expressões Idiomáticas, versão inglês-português, foi lançado pela Editora Melhoramentos. A obra reúne 2.700 expressões idiomáticas.

O Metrô de São Paulo, o Instituto Brasil Leitor e o Instituto Votorantim inauguraram, no dia 7 de maio, a biblioteca da estação Santa Cecília, da Linha vermelha do metrô. A quinta Biblioteca Embarque na Leitura conta com um acervo de *mais de 2,5 mil livros*. Os usuários do metrô terão acesso aos empréstimos dos livros gratuitamente, com prazo de devolução de 10 dias. A biblioteca funciona de segunda a sexta-feira, das 11 às 20 horas.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário entregou, no dia 13 de maio, mais 41 bibliotecas rurais do Programa Arca das Letras para os assentamentos do Pontal do Paranapanema (SP).

O Centro Literário de Piracicaba e o Grupo Oficina Literária de Piracicaba se reuniram na varanda do SESC, em abril, para analisar, discutir e declamar a poesia dos autores locais e homenagear poetas nacionais. O evento *Poesia ao Vento* teve como anfitrião Irineu Volpato.

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura da Fundação Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura recebe propostas de cursos voltados para reciclagem e aperfeiçoamento de professores, bibliotecários e profissionais envolvidos na formação de leitores. Os cursos acontecerão na Casa da Leitura nos meses de junho e outubro. Informações pelos telefones (21) 2557 7437 e 2556-6334.

A exposição Suite Europa, promovida pela PUC-Campinas e pelo Setor de Coordenação Cultural Exterior da Embaixada da Espanha, ficará em cartaz até o dia 12 de junho, de segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas, na Praça de Alimentação do Campus I da Universidade, Rodovia Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades. A exposição reunirá 36 reproduções de gravuras de renomados artistas espanhóis e ibero-americanos.

Pablo García Baena, escritor espanhol, fundador e diretor da revista *Cântico*, foi o vencedor da 17ª edição do *Prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-americana*. Pablo foi agraciado com a importância de 42.100 euros.

Linguagem Viva

www.linguagemviva.com.br

Novo Telefone:

2693-0392